

NO FIO DA MADEIRA

Primeiro relato sobre as Espadas da Floresta

Roberto Pacheco

Meu nome é Rafael Oliveira e sou professor de psicologia. Apesar de pouco objetivo, atesto a veracidade de meu relato; mesmo sabendo que é praxe declarar isso hoje em dia. Tudo aconteceu graças ao centenário baobá da Praça da República¹, o qual visito desde a adolescência.

No final de 2018, vítima de um quadro depressivo, frequentemente fazia passeios noturnos de motocicleta. Diante de minha árvore predileta, deparei-me com o inusitado volume enrolado em cipós junto ao tronco. Sob a luz do poste, logo reconheci a madeira trabalhada. Seguindo um impulso, peguei o pacote, amarrei-o no bagageiro da moto e corri para casa.

Senti um leve tremor quando as toquei pela primeira vez. Sobreviventes cujos nomes remetem aos gigantes da floresta: angelim, jatobá, roxinho, pau-marfim, jacarandá, maçaranduba, timborana, cedro, louro, peroba, sucupira. Pareciam antigas, adornadas com preciosos detalhes de marchetaria e *oshibana*². Diante de mim, um obscuro conjunto de espadas refletia a luz solitária de meu apartamento. Recordo-me deliciado do contato com a madeira que, de tão polida, assemelha-se ao vidro; e as sutis combinações de tonalidades, unidas umas às outras com se houvessem crescido juntas na mesma árvore.

Precisei induzir o sono, pois em poucas horas estaria em uma sala de aula da Universidade Federal de Pernambuco. Despertei com os ecos de um sonho: perdido em um incêndio na floresta, chamas dançavam ao meu redor, incapazes de causar-me qualquer dano. O rugir do relógio não permitiu mais que uma olhadela antes de sair. Quando retornei, fui voando até onde estava meu novo tesouro. Na noite anterior pude notar que seu número não excedia uma dúzia; agora se amontoavam, umas sobre as outras, trinta ou quarenta insólitas lâminas.

Era inacreditavelmente impossível contá-las. A cada contagem, o número sempre aumentava. Lembrei de um infundável livro de areia e decidi não me entregar ao absurdo; especulei que a insônia e a excitação afetam a confiabilidade da memória. Reli em voz alta a referência de um fenômeno similar comentado por Jorge Luis Borges:

“Coube a mim, Alexander Craigie, a sorte de descobrir, entre todos os homens da terra, os únicos objetos que contradizem essa lei essencial da mente humana. (...) A princípio eu temera estar louco; com o tempo, creio que teria preferido estar louco, já que minha alucinação pessoal importaria menos que a prova de que no universo cabe a desordem. Se três e um podem ser dois ou podem ser catorze, a razão é uma loucura.”³

Característica mais sutil do que a procriação, apenas *a posteriori* percebi um milagre relacionado: elas crescem. Sua expansão progredia até o momento de reproduzir; e seus filhotes não se assemelhavam aos genitores. O que pode explicar a diversidade encontrada depois – lâminas ocidentais de todas as épocas, nepalesas, indonésias, árabes, japonesas e muito mais; de singelas facas de bolso às vertiginosas espadas medievais, de punhais clássicos às adagas alienígenas.

Partes de seres vivos crescerem após a morte é uma ocorrência comum em necrotérios: nossos cabelos e unhas parecem maiores, apavorando os desavisados. Outro antecedente famoso é o *wub* marciano, que Philip K. Dick afirma ser capaz de confrontar, de várias e sofisticadas maneiras, a própria ideia de mortalidade⁴. A pele desse animal sobrevive a sua retirada do singular mamífero.

Temendo uma explosão pela multiplicação das espadas, levei-as a um amplo e desocupado depósito da universidade. Então, eu e um colega biólogo selecionamos uma amostra para experimentos. As lembranças desses eventos exumaram outro sonho. Andando pela floresta primordial ouvia um crescente e terrível ruído, acompanhado de um tremor: era ela, em toda a sua auto-evidente malignidade, a máquina do fim do mundo. Veloz e com diabólica eficácia, a intrincada engenhoca derrubava as árvores, retirava os galhos para em seguida retalhar e empilhar os troncos. Fecho os olhos e escuto aquela abominação; o pesadelo foi rápido e ao final a floresta não mais existia.

A experimentação não logrou encontrar incongruências fisiológicas ou químicas; porém, teve o mérito de aprofundar o assombro. As esculturas – presumindo que sejam obras de uma legião de artistas – duplicam-se quando cortadas ou quebradas, de maneira análoga às plantas com seus ramos que se bifurcam quando podados. Além disso, sua completa destruição ou incineração desencadeia outro mistério, descrito por Borges e citado no volume XI da Primeira Enciclopédia de Tlön⁵. Objetos secundários que surgem a partir do desaparecimento dos originais, os *hrönir* costumam ser réplicas

aumentadas ou levemente alteradas. O mesmo acontece com as espadas; há relatos de até cinco cópias de cada uma perdida.

O professor de biologia que conduziu as pesquisas, Dr. Alden Krajcberg, comprometeu-se a manter nossas descobertas em sigilo. Combinamos nunca fotografar as peças temendo que se fossem publicadas na internet, sua propagação logo ocuparia a memória digital do planeta. Tanta precaução resultou inútil quando um curioso estagiário do departamento espalhou a notícia. As fotos e vídeos transformaram-se em *memes* nas redes sociais, provocando uma reação em cadeia com repercussões espetaculares. Como se estivessem somente aguardando sua deixa, dezenas de milhares de outras esculturas foram encontradas por todo o país. O caso invadiu a imprensa e mobilizou o governo que, com alguma razão, enquadrou-o como um problema de segurança nacional.

A obsessão pelas lâminas – e o pânico pelo enigma de sua origem e finalidade – tornaram-se incontroláveis. Havia um consenso entre as especulações e hipóteses apocalípticas; as armas só poderiam ter um alvo: a espécie humana.

Os veículos internacionais alastraram as manchetes. Graças à enorme difusão das espadas da floresta – como passaram a ser conhecidas – o fato chamou a atenção dos integrantes do Acordo de Paris. Este visa a criação coletiva de soluções para reverter o aquecimento global e, portanto, inclui a redução do desmatamento. O nosso governo renegou o acordo; então a maioria dos países participantes aplicou um rígido boicote comercial ao Brasil. As consequências não demoraram: queda das exportações, com agravamento da crise econômica e política.

Por outro lado, contrariando as piores previsões, as espadas da floresta permanecem inofensivas. Ainda procriando, mas em menor velocidade; e sua onipresença neutralizou parte do temor que causavam. Dessa época recordo o terceiro sonho. Projetadas sobre a floresta noturna, as silhuetas dos três guardiões de nossa flora e fauna: Oxóssi, Curupira e Comadre Fulozinha⁶. Suas vozes ainda reverberam:

- Eu vejo os milhões de verdes.
- Eu vejo uma floresta em chamas.
- Eu vejo uma árvore feita de espadas.

Ao despertar, rabiscados na parede ao lado da cama encontrei os versos finais; não demorei a descobrir que, Brasil afora, outros também sintonizaram o poema:

Eu já fui um ser vivo – ninguém reparou.
Matam-me cotidianamente há milênios
E com o meu corpo despedaçado
Constroem navios, catapultas e castelos.
Agora, sobras do que era uma floresta
Sobrevivem à estupidez e ao fogo.
Na poética justiça,
No retorno do violentado
Eu furo, corto e dilacero:
Com a verde fúria do Curupira
Passo todos no fio da madeira.

NOTAS

1. O Baobá centenário vive ainda na Praça da República, em Recife, Pernambuco.
2. A palavra *oshibana* é um termo japonês e significa flor prensada; consiste em uma técnica de desidratar vegetais com o objetivo de transformá-los em trabalhos artísticos.
3. Trecho de “Tigres Azuis”, em “A Memória de Shakespeare”, Jorge Luis Borges (1980).
4. Descrição feita por Philip K. Dick em “Não julgue pela capa” (1991).
5. A referência pode ser encontrada em *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* de J. L. Borges (1941).
6. Oxóssi é o deus caçador, senhor da floresta e orixá da fartura. O Curupira é descrito como um anão de cabelos vermelhos e pés ao inverso, para deixar pegadas enganosas e confundir os caçadores, protegendo, assim, as árvores e os animais. Comadre Fulozinha também é conhecida como uma entidade que protege a floresta.